

## COMÉRCIO INTERNACIONAL – O ORIENTE MÉDIO

B. M. MELO\*, J. M. A. BANDEIRA\*\* e L. M. L. ROSA\*\*\*

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

[beatrizmmelo7@gmail.com](mailto:beatrizmmelo7@gmail.com)\*

[juan.bandeira92@gmail.com](mailto:juan.bandeira92@gmail.com)\*\*

[liliamlimaa@hotmail.com](mailto:liliamlimaa@hotmail.com)\*\*\*

Artigo submetido em 02.12/2019 e aceito em 07.07/2022

DOI: 10.15628/emprica.2020.9224

### RESUMO

O estudo teve como objetivo, compreender a dinâmica dos negócios internacionais entre Brasil e Oriente Médio - com foco para as relações brasileiras com a Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Israel e Omã, Metodologicamente a pesquisa apresenta abordagem quali-quantitativa, para fins de investigação na forma descritiva, e, quanto aos meios, define-se como bibliográfica, com tratamento de dados secundários. Trouxe ainda como principais resultados a identificação da pauta exportadora do Brasil para o Oriente Médio, assim como a influência de suas relações comerciais, no qual contribuiu para sua aproximação nos últimos anos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Oriente Médio, Bilateralismo Comercial, Exportação, Importação

### INTERNATIONAL TRADE – THE MIDDLE EAST

### ABSTRACT

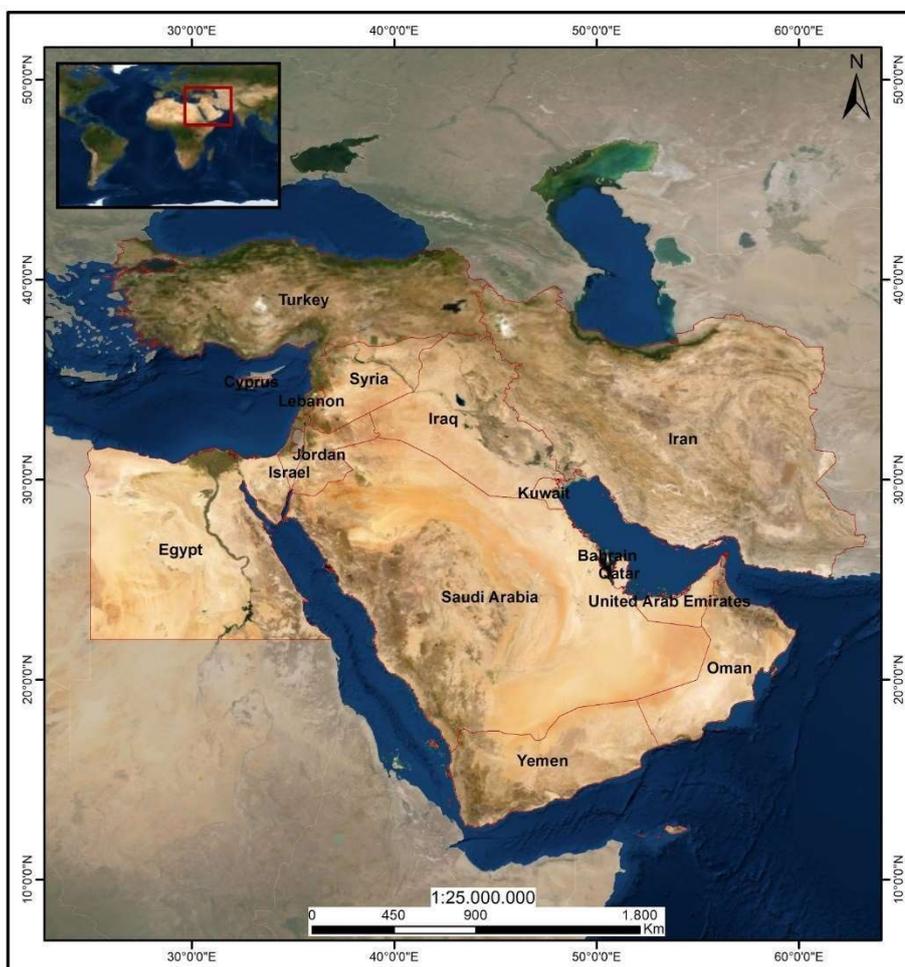
The study presented as its main objective, to understand the dynamics of international business between Brazil and the Middle East - focusing on Brazilian relations with Saudi Arabia, Qatar, United Arab Emirates, Iran, Israel and Oman. Methodologically, the research presents a qualitative and quantitative approach, for research purposes in descriptive form, and, as to the means, it is defined as bibliographic, with secondary data treatment. It also brought as main results the identification of Brazil's export list to the Middle East, as well as the influence of its trade relations, which contributed to its approach in recent years.

**KEYWORDS:** Middle East, Trade Bilateralism, Export, Import.

## 1. INTRODUÇÃO

O Brasil possui como característica predominante no contexto do comércio internacional a agro exportação. Essa condição coloca o Brasil como um grande exportador de bens de baixo valor agregado e importador de produtos de alto valor agregado. Contudo, a exportação de bens de baixo valor agregado demanda uso intensivo de técnicas e tecnologias importadas de outros países. Assim, as características econômicas e produtivas não podem ser encaradas de maneira homogênea.

Nesse sentido, entender as relações comerciais do Brasil no contexto da dinâmica do comércio internacional é importante, especialmente, como se propõe como recorte da pesquisa, o Oriente Médio (Figura 1). Destaca-se nesta pesquisa seis países: Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Israel e Omã.



A escolha dos países destacados tem como fundamentação o histórico de relações comerciais entre o Brasil e os países abordados. Não obstante, estima-se também a afinidade que alguns destes representam e seus potenciais econômicos, a nível continental, ou por se tratar de economias sem ainda muito destaque no Oriente, a

exemplo do Omã, mas com registros de progresso significativo em sua relação bilateral com o Brasil.

O Oriente Médio, região em que estão inseridos os países tratados como objeto de estudo do presente artigo, está localizado predominantemente na porção oeste do continente asiático. Sua área ocupa também outros dois continentes: uma pequena porção do sudoeste da Europa e norte da África e sua extensão é quase toda delimitada por mares.

A economia do Oriente médio é grandemente pautada na produção e exportação de petróleo, devido à predominância deste combustível fóssil na região. Estima-se que mais 60% do petróleo produzido no mundo seja proveniente do Oriente Médio. No entanto, existem outras atividades econômicas importantes para a região e que estão sendo constantemente incentivadas, conforme será abordado no decorrer deste estudo. Pode-se ressaltar a agropecuária, atividade que incorpora cerca de 40% da população economicamente ativa e o turismo, que vem apresentando importância para alguns países, a exemplo do Israel.

Diante do exposto, a presente pesquisa propõe-se a seguinte problematização: Como se caracterizam os negócios internacionais do Brasil com seus principais parceiros comerciais no Oriente Médio?

Com base nesse problema de pesquisa, surgem suportados objetivos - geral e específicos. O objetivo geral é compreender a dinâmica dos negócios internacionais entre Brasil e Oriente Médio - com foco para as relações brasileiras com a Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Israel e Omã.

Os objetivos específicos são (1) caracterizar os países parceiros comerciais do Brasil no Oriente Médio - Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Israel e Omã - na perspectiva dos negócios internacionais; (2) entender a relação entre o Brasil e os países abordados no Oriente Médio; (3) destacar os ambientes de negócios internacionais do Brasil com seus principais parceiros comerciais no Oriente Médio, sobretudo a Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Israel e Omã.

Quando abordado a temática voltada a região do Oriente Médio, é comum em uma primeira visão a associação à conflitos e ao mercado do petróleo, sendo estes os protagonistas de sua história durante muitos anos. Contudo, apesar da persistência de alguns conflitos de mesma abordagem, o território buscou sua consolidação econômica assim como o crescimento de seus países por muitos anos com base nas atividades voltadas tanto no petróleo, quanto na exploração do gás natural, onde são fartamente encontrados em suas reservas naturais. Assim, a pesquisa busca trazer informações para identificar de modo geral o ambiente, para que os leitores consigam ter a compreensão de suas características inseridas no comércio internacional, no qual será abordado ainda em detrimento as relações comerciais bilaterais com o Brasil. Ademais, o estudo da região restringe-se o cenário dos países de sua composição, sobretudo, aos países como Arábia Saudita, Catar, Emirados Árabes Unidos, Irã, Israel e Omã, pois segundo o Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2019), em seu portal do Comex Vis,

foi analisado como as nações no qual o Brasil desempenha consideráveis percentuais de comercialização de bens e serviços.

Segundo Macan (2018), ao buscar a dinâmica entre as perspectivas dos negócios presentes no Oriente Médio, identifica o interesse em trabalhos futuros para os interessados na temática abordada, quando especifica a necessidade de ser “(...) mais aprofundado sobre as transações comerciais de ambas economias, mencionando acordos comerciais em vigência, relação extra econômica e aprofundamento no tema”. Assim, ao demonstrar os principais aspectos que definem as características do Oriente Médio, além dos referentes aos países em destaque, o estudo dá a oportunidade de melhor compreensão, acerca dos mercados nos quais o Brasil estão presentes e suas contribuições.

## 2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O desenvolvimento das economias ocidentais se deu pela expansão da produção e do comércio entre as nações. Esse processo de aproximação nos termos das relações produtivas e comerciais se tornaram cada vez mais significativas com o desenvolvimento das redes de transportes e telecomunicações, tornando essas relações comerciais, do ponto de vista da circulação global de mercadorias, mais próximas (OBSTFELD; KRUGMAN, 2006).

A ordenação da produção de bens de consumo e serviços em escala global obedece ao que pode ser entendido por divisão social e territorial do trabalho, de modo que territórios se especializam na produção de determinados produtos ou serviços ou na produção de uma pequena diversidade de produtos (OBSTFELD; KRUGMAN, 2006). Assim, dentro do que concebe como divisão internacional do trabalho, países se especializam e utilizam frações de seus territórios para a sua inserção no comércio internacional.

Obstfeld e Krugman (2006) apontam que essas especializações derivam de teóricos como Adam Smith, David Ricardo e Michel Porter. O primeiro argumenta que os países devem se aproveitar dos seus recursos para desenvolver suas vantagens absolutas em relação aos outros países que dispõem dos mesmos recursos. O segundo discute as vantagens comparativas em relação ao melhor aproveitamento dos recursos disponíveis em seu território e, gerindo de forma eficiente esses recursos, a produção especializada se destina ao comércio internacional enquanto vantagem na competição entre os países. Por fim, Porter, com as vantagens competitivas, discorre que o país organizado em torno de uma estrutura de recursos e de como se apropria da dinâmica do mercado põe em vantagem em relação aos outros países.

No Brasil, a estabilização da moeda nacional frente à competitividade no mercado internacional foi um dos desafios a serem enfrentados pelos governos. O governo Fernando Henrique Cardoso se esforçou em construir um discurso de que as reformas

liberalistas propostas nos acordos internacionais do Consenso de Washington e do Plano Brady geraria benefícios financeiros à longo prazo. Entretanto, essas políticas de reestruturação econômica e ajuste fiscal não resultaram no desenvolvimento de um parque industrial significativo que promovesse o aproveitamento dos recursos disponíveis no território e tornou a economia nacional frágil em relação à volatilidade do mercado internacional.

Nesse período, se percebe o aumento das importações associadas ao aumento da demanda interna por produto de média-alta densidade e alta densidade tecnológica e redução das exportações de manufaturados, como mostra o Gráfico 1. Esse dado, percebido no período entre 1990 e 2001, corresponde a especialização do Brasil enquanto exportador de commodities no comércio internacional, evidenciando o não desenvolvimento do parque industrial nacional e do déficit na balança comercial (CHIARINI; SILVA, 2016).

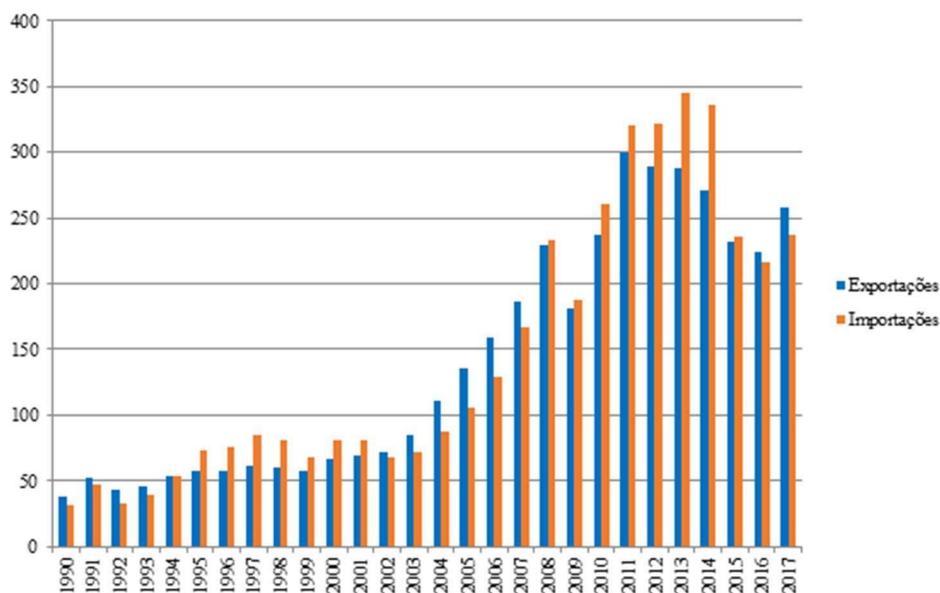


Gráfico 1: Desempenho entre as importações e exportações no Brasil (valor em milhões)

A partir dos anos 2000, percebe-se que os valores das exportações começaram a subir devido a participação ativa da China na dinâmica econômica global, sobretudo com as relações multilaterais entre países em desenvolvimento e subdesenvolvidos. A orientação da política econômica nacional foi na direção da inserção de populações marginalizadas socialmente do sistema econômica e oferta de formas de inserção e de aumento no poder de consumo, dinamizando o mercado doméstico. Os investimentos foram em infraestrutura, políticas sociais e políticas de crédito (CHIARINI; SILVA, 2016).

Entretanto, características como exportação de commodities, fragilidade em relação à volatilidade do mercado internacional e baixo desenvolvimento do parque industrial nacional permaneceram. As importações de insumos, de componentes

industriais de maior valor agregado também se fez presente, fazendo permanecer também as variações na balança comercial e registrando déficits, como deixa claro o Gráfico 2 (CHIARINI; SILVA, 2016).

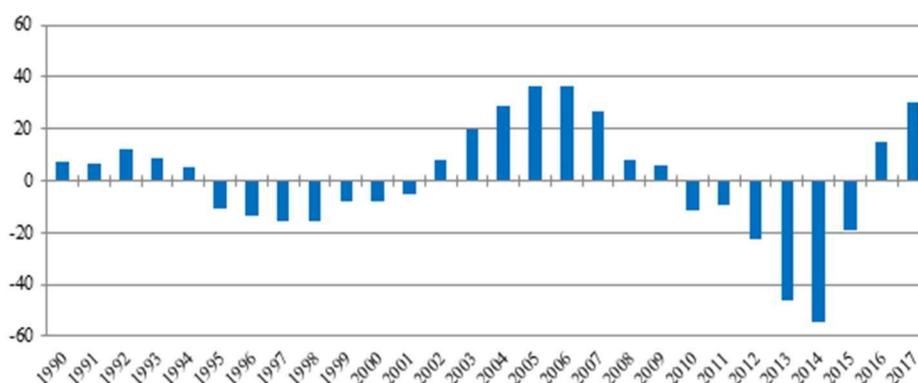


Gráfico 2 – Balança comercial do Brasil

O Oriente Médio é um importante parceiro comercial do Brasil. As aproximações ocorreram a partir do período do Regime Militar no governo de Ernesto Geisel dada a maior importância na política externa nacional. Segundo Macan (2018), a política instituída no governo Jânio Quadros chamada de “Pragmatismo Responsável” tinha como característica principal o não alinhamento automático com os Estados Unidos da América. Dessa maneira, a política externa brasileira tornou-se mais autônoma (SILVEIRA, 2016).

Com a redemocratização do Brasil, o Oriente Médio perdeu espaço nas relações comerciais. Essas relações foram restabelecidas timidamente no governo Fernando Henrique Cardoso e, posteriormente, no governo de Luiz Inácio da Silva, as relações foram restabelecidas com maior importância. Esses marcos políticos e de orientação política e ideológica distintas, configura os arranjos na política externa e comercial do Brasil na sua relação com o Oriente Médio (SILVEIRA, 2016).

As crises políticas, no Oriente Médio, aproximaram vários países da região, através do envio de tropas sob amparo da Organização das Nações Unidas. O Brasil foi um dos países que tomou parte das operações, como parte das Forças de Paz da ONU, no conflito denominado Guerra de Suez entre o Estado de Israel e o Egito, no período de 1957 a 1967 (PIERO, 2011).

No quesito exportação, tratando-se desta relação entre Brasil e Oriente Médio, nota-se, entre os anos 1970 e 1990 houve aproximações entre as partes. A partir do início do novo milênio, logo no ano 2000, o Brasil reaproximou suas relações com o Oriente Médio em um momento que o MERCOSUL se encontrava em crise, levando o Brasil à procura de novos parceiros comerciais (HAFFNER; HOLLAND, 2012).

### **3. METODOLOGIA CIENTÍFICA**

Segundo Gil (2002, p. 41) "com relação às pesquisas, é usual a classificação com base em seus objetivos gerais". Dessa forma, o estudo é abordado como descritivo, uma vez que busca por meio da caracterização do oriente médio e de seus países em destaque, mostrar a dinâmica do intercâmbio comercial com o Brasil. Ademais, a pesquisa fez sua construção a partir da coleta de dados bibliográficos, dispostos em obras de autores do ambiente do comércio internacional, como Maurice Obstfeld e Paul R. Krugman, assim como publicações periódicas com temáticas relacionadas.

Em detrimento a sua coleta de dados, a pesquisa foi realizada com técnica de levantamento de dados secundários, oferecidos em bases de dados nacionais e internacionais. Assim, dentre esses instrumentos identificam-se o Comex Stat, no qual oferece dados acerca do comércio exterior brasileiro, além de dados encontrados no site do The Observatory of Economic Complexity - OEC e da Central of Intelligence Agency - CIA, no âmbito internacional.

Por fim, o estudo aborda a análise dos dados coletados de forma qualitativa, uma vez que aborda aspectos que caracterizam os instrumentos de estudo, assim como quantitativa, em que traz a seu conteúdo índices estatísticos de suas relações com o Brasil.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Após verificar as dimensões pertinentes ao ambiente de negócios internacionais no Oriente Médio, serão abordados nesta seção da pesquisa uma breve caracterização dos países anteriormente mencionados, no qual foi delimitado para a introdução dos aspectos de construção acerca de suas relações comerciais bilaterais com o Brasil, de forma isolada.

#### **4.1 Relações comerciais entre Brasil e Irã**

De acordo com os dados apresentados pelo The Observatory of Economic Complexity (OEC), o Irã, entre os anos de 2007 e 2017, exportou principalmente petróleo cru. Destaca-se, nesse interstício, a China, a Índia e a Coreia do Sul como principais importadores do continente asiático. Em relação às importações, há a predominância de máquinas, metais e produtos vinculados ao transporte. O Irã importa, da China e da Coreia do Sul, produtos de telecomunicação, produtos vinculados ao transporte, metais e produtos têxteis. Da Índia, o Irã importa produtos de origem vegetal, da indústria alimentícia e metais.

As relações do Irã com a Europa são menos significativas que o continente asiático. Entretanto, as relações comerciais mais importantes, em termos de exportação, com os europeus, são com a Itália, a França e a Espanha com base nos dados da OEC.

Conforme a especialidade das exportações iranianas, o petróleo cru tem maior participação nas trocas comerciais com esses países. As importações são, em relação a França, de produtos químicos, de transporte, maquinário e metais. Com a Espanha, os produtos são do mesmo setor, com exceção do transporte se comparado ao país anterior. As importações de origem italiana são destacadamente de produtos do setor de maquinaria.

Na América do Sul o principal parceiro comercial do Irã é o Brasil. Nessa relação de trocas o Irã exporta para o Brasil predominantemente fertilizantes nitrogenados, ferro semiacabado, uvas e espelhos de vidro. Importa do Brasil milho, soja, carne bovina congelada, açúcar e chassi de veículos.

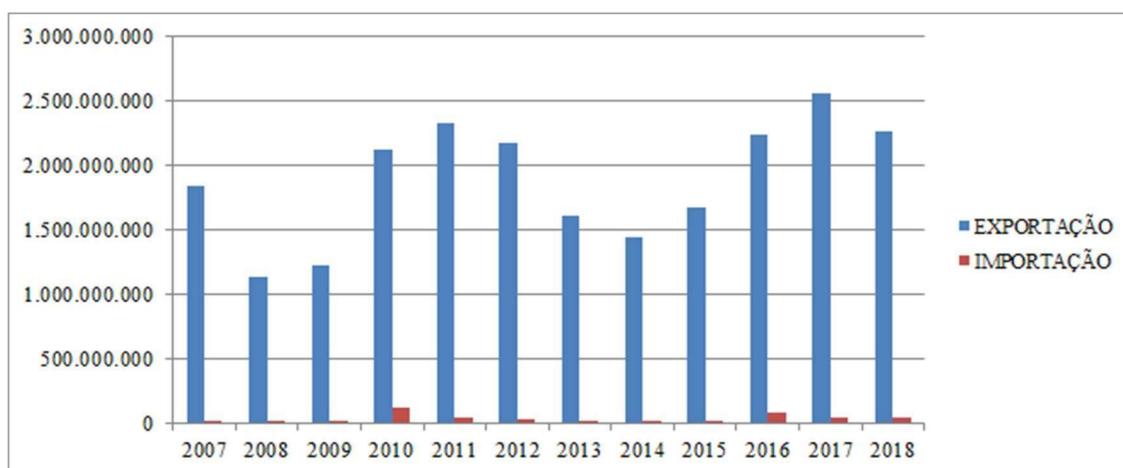


Gráfico 3: Exportações e importações brasileiras na relação comercial com o Irã

O volume das exportações brasileiras para o Irã está relacionado às necessidades do país em suprir o abastecimento de produtos alimentícios. Assim, destaca-se como principais itens das exportações brasileiras os cereais, as sementes oleaginosas, grãos, sementes e frutos; carnes; resíduos alimentares para alimentação animal e açúcar. As importações, por sua vez, são ínfimas comparadas às exportações. Entretanto, cabe destacar importações de ferro fundido e aço a partir de 2016. Importações de vidro e frutas, conforme dados disponibilizados pelo Comex Stat, se fazem presente. O Irã é, dessa maneira, um importante mercado para o comércio exterior brasileiro, sendo responsável por um volume significativo dos negócios relacionados a agropecuária do país. Todavia, o Irã não possui significativas exportações para o Brasil. Credita-se essa ocasião a especialização produtiva e, conseqüentemente no comércio internacional, a maior participação do Irã nas exportações de petróleo cru. Produto esse que está na composição da pauta de exportação do Brasil.

## 4.2 Relações comerciais entre Brasil e Israel

Israel possui tecnologia avançada, especializada em diamantes, equipamentos de alta tecnologia e produtos farmacêuticos. Os laços comerciais de Israel são majoritariamente com países fora do Oriente Médio, especialmente com os Estados Unidos da América (EUA). Os dados do The Observatory Economic Complexity corroboram com essa afirmativa. Evidencia também que a China e a Alemanha figuram como sempre presentes em termos quantitativos no recorte temporal entre 2007 e 2017. A pauta de exportação israelense tem como mercadorias predominantes diamantes, circuitos integrados, medicamentos e petróleo refinado. O País importa predominantemente petróleo cru, carros, diamantes e equipamentos de laboratório fotográficos.

Conforme dados fornecidos pela Central Intelligence Agency (CIA), a indústria israelense de alta tecnologia está locada nos setores de aviação, comunicação, componentes de computadores, eletrônicos médicos e fibra ótica. Essas informações explicam os motivos na predominância das exportações de diamantes, medicamentos, circuitos integrados e petróleo refinado. Os principais destinos desses produtos são, em relação aos diamantes, EUA, Bélgica, Luxemburgo, Índia e Suíça; os principais destinos dos circuitos integrados são China e EUA; os medicamentos embalados têm como principal destino os EUA e a Holanda e, por fim, o petróleo refinado é exportado principalmente para a Turquia, o Chipre, a Grécia, a Itália e a Nigéria.

Em acordo com a embaixada de Israel no Brasil, os dois países possuem relações de intercâmbio nas áreas técnica, científica e tecnológica. Israel, desde 1960, contribui com o desenvolvimento, através da tecnologia de irrigação, da agricultura no semiárido brasileiro. Em 2007, o Acordo de Livre Comércio entre Israel e Mercosul aproximou essas relações de interdependência. Além disso, há, segundo as informações da embaixada de Israel no Brasil, um significativo crescimento nos investimentos estrangeiros diretos de empresários israelenses. Esse resultou em um crescimento, no intervalo de 20 anos, um crescimento de 5 para 150 empresas. Nesse intercâmbio ocorrem acordos de cooperação entre as empresas, oferecendo uma estrutura para o desenvolvimento tecnológico brasileiro.

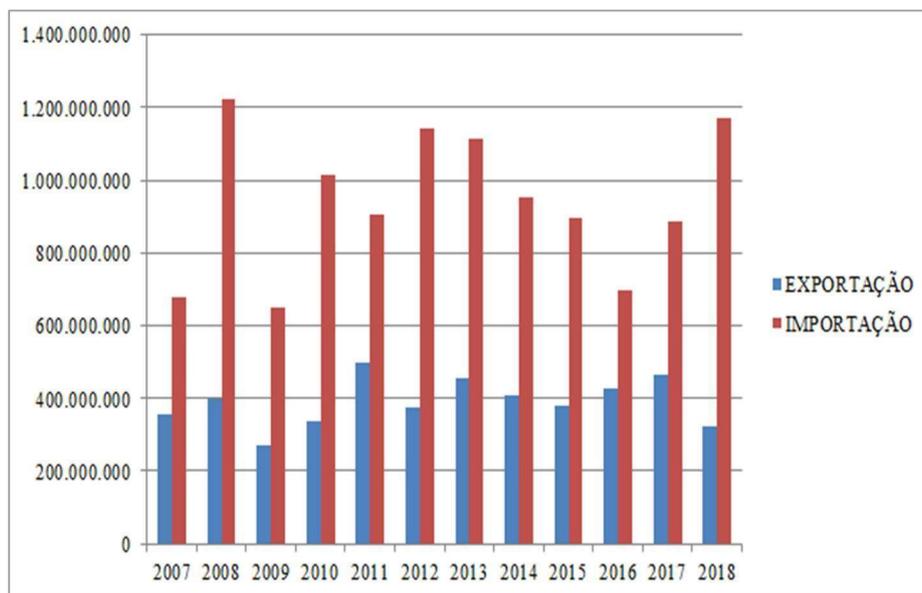


Gráfico 4: Exportações e importações brasileiras na relação comercial com Israel

As relações comerciais entre Brasil e Israel são complexas e com disparidades de valores muito grandes devido ao valor agregado dos produtos importados de Israel. O Brasil importa desse país adubos, produtos diversos da indústria química, plásticos, reatores nucleares, caldeiras, máquinas e instrumentos mecânicos, máquinas e aparelhos elétricos, instrumentos e aparelhos de óptica, entre outros. O Brasil exporta produtos de origem agropecuária, tais como carnes congeladas, sementes e frutos, grãos, madeira e carvão vegetal, reatores nucleares e caldeiras, café, entre outros. Essa diferença nos valores de exportação e importação estão associados a essa diferença de valor agregado nos produtos comercializados entre esses dois países.

### 4.3 Relações comerciais entre Brasil e Emirados Árabes Unidos

Localizado no Golfo Persa, sua formação ocorreu de forma intensa, marcada pela presença de conflitos entre confederações tribais, durante os séculos XVIII e XIX, constituindo-se de fato os Emirados Árabes Unidos apenas em 1972, com a junção dos seis estados da costa (Abu Dhabi, ‘Ajman, Al Fujayrah, Ash Shariqah, Dubayy e Umm Al Qaywayn). (IBGE, 2018). Ademais, no decorrer dos anos, após a descoberta de petróleo em seu território no século XX, segundo CIA - Central Intelligence Agency (2019) “o país passou por uma profunda transformação de uma região empobrecida de pequenos principados do deserto para um estado moderno com um alto padrão de vida”. Estabelecido em 2017 como a 32º maior economia do mundo nas operações de exportação, suas atividades podem ser vistas ao considerar o PIB US \$ 382 bilhões, assim como seu PIB per capita expresso em US\$ 43,839 mil. (OEA, 2018).

Os Emirados Árabes Unidos desempenham atividades econômicas voltadas, segundo a Central Intelligence Agency ao mercado petroquímico, assim como nos setores de indústria, serviços e agricultura. Além disso, possui planos para diversificar ainda mais essas atividades nos próximos anos, no setor de comércio e turismo, na busca de desenvolver-se quanto indústria, e destino, haja vista seus atributos em termos de desenvolvimento de cidades urbanas com destaque na arquitetura, como por exemplo, a cidade de Dubai.

Ademais, em conformidade ao The Observatory of Economics Complexity, seus principais produtos para exportação em 2017 foram em suma, o óleo de petróleo, ouro, diamantes e gás de petróleo, no qual tinha como principais destinos a Índia, o Japão, a China, o Omã, e a Suíça. Em relação às importações, eram em suma artefatos e minerais para produção de joias, assim como automóveis de transporte de passageiros, advindos de países como a China, a Índia, a Alemanha, o Reino Unido, e a Turquia. Sendo assim, os Emirados Árabes Unidos, desempenharam o maior percentual de relações internacionais com países localizados na Ásia, seguido do continente europeu.

Ao definir suas relações com o Brasil, segundo o Ministério das Relações Exteriores (2019), essas articulações entre os países, teve início em 1974, com a formalização de suas atividades e estabelecimento de suas respectivas embaixadas, sendo continuada por meio de acordos internacionais, bilaterais. Assim, com os desdobramentos econômicos e com a exploração de suas pautas produtivas, os países apontam trocas comerciais consideráveis, mas que demonstram ainda grandes diferenças quantitativas entre eles. Isto é, como pode ser visto na figura abaixo, o Brasil apresenta maiores índices de entradas de capital por meio de suas exportações se comparado aos Emirados Árabes Unidos.

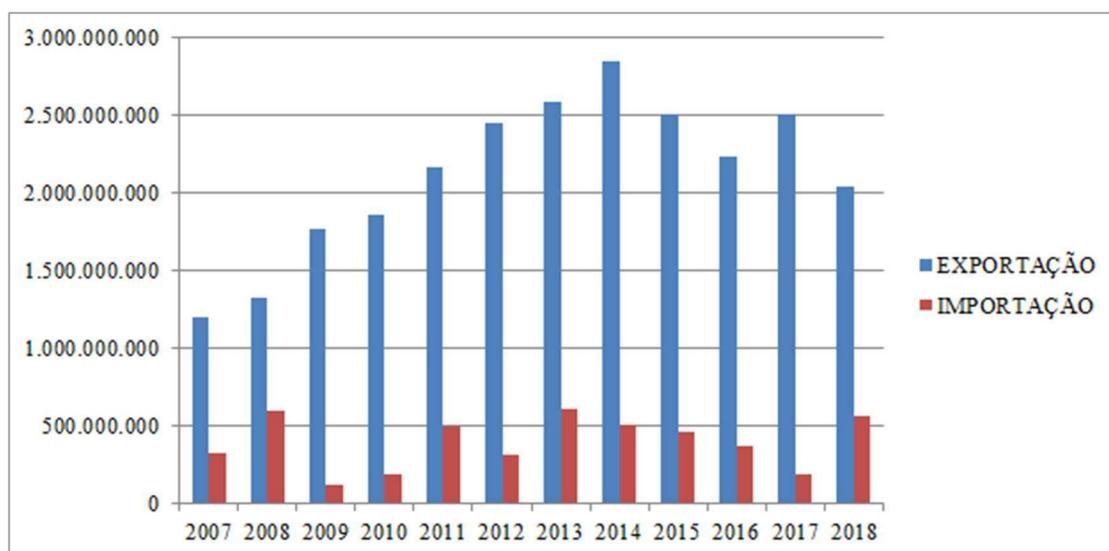


Gráfico 5: Exportações e importações do Brasil na relação comercial com os Emirados Árabes Unidos

Dessa forma, pode ser analisado a partir do gráfico 3, que no intercâmbio comercial entre esses países apresenta-se expressiva disparidade. Dessa forma, ao analisar os produtos no qual os países exercem a troca comercial, detém-se, em suma, ao agronegócio e o setor petroquímico. Assim, devido ao oferecimento de produtos no qual a região não possui em geral, capacidade para produção em grande escala, o Brasil consegue receber maiores valores de receitas. Outrossim, ao analisar na perspectiva dos produtos enviados dos Emirados Árabes Unidos ao Brasil, essa disparidade, pode analisado o quantitativo de países concorrentes no setor petroquímico, estabelecidos não somente no Oriente Médio, mas também em outras partes do mundo.

#### **4.4 Relações comerciais entre Brasil e Sultanato de Omã**

O Sultanato de Omã está localizado no extremo leste do Oriente Médio. Sua formação territorial é fronteiriça com o Iêmen, Arábia Saudita e Emirados Árabes. Posicionado na entrada do Golfo Pérsico, é coerente dizer que sua posição geográfica é estratégica. O mar da Arábia fica a leste, e o golfo de Omã, ao norte. Uma pequena parte separada de Omã fica ao norte dos Emirados Árabes Unidos. Sua capital, Mascate, possui aproximadamente 832 mil habitantes.

Sua história data-se do ano de 632, quando o território se livrou do Império Sassânida. Em 1508, sofreu invasão portuguesa, onde até então, era visto como apenas uma nação fixada à área desértica. Em 1659, o Omã foi tomado pelo Império Otomano, que expulsou os portugueses. Já em 1741, o Sultão bin Sultan al Busaid foi o responsável pela expulsão dos otomanos da região, quando o Sultanato passou a expandir suas fronteiras e agregar diversas colônias. Desde então, suas áreas conquistadas foram perdidas em 1891, para os britânicos. Em 1971, no entanto, o Omã conquistou novamente a sua independência.

De acordo com dados disponibilizados pela CIA, a economia nacional é bastante dependente da produção e exportação de petróleo e gás natural. Esses dois produtos são responsáveis por aproximadamente 85% da receita do governo. Entretanto, o país tem diversificado sua economia, haja visto que suas reservas de petróleo são recursos finitos. Omã também fabrica metais, cimento, produtos químicos e produtos alimentícios. Cultivam-se tâmaras, bananas e melancias. Há criação de gado bovino, cabras, ovelhas e camelos. A pesca é uma atividade importante como fonte de alimento para consumo do mercado interno. No que tange às importações, os principais produtos são automóveis e veículos aéreos, além de turbinas e turbinas a gás.

Tratando-se da relação bilateral entre Brasil e Omã, pode-se datar o início de suas relações diplomáticas a partir de 1974, quando a embaixada brasileira na Arábia Saudita se tornou responsável pela representação do Brasil junto a Omã.

De acordo com dados do Itamaraty (2019), o comércio bilateral cresceu de US\$ 100 milhões, em 2007, para US\$ 800 milhões, em 2018. Ambos os países demonstram

interesse em ampliar os fluxos e em diversificar a pauta da relação comercial. No âmbito econômico, é notório destacar a presença empresarial brasileira em Omã, sendo o país destinatário do maior investimento de origem brasileira no Oriente Médio: a usina para processamento de minério de ferro e o terminal portuário da Vale, em Sohar.

A abertura da embaixada brasileira no país ocorreu em 2008, em sua capital Mascate. Após dois anos, em 2010, ocorreu a abertura da embaixada de Omã em Brasília. Seis anos depois, em 2016, o Secretário-Geral do Itamaraty e o Embaixador de Omã no Brasil assinaram o Memorando de Entendimento sobre Cooperação em Promoção de Investimentos.

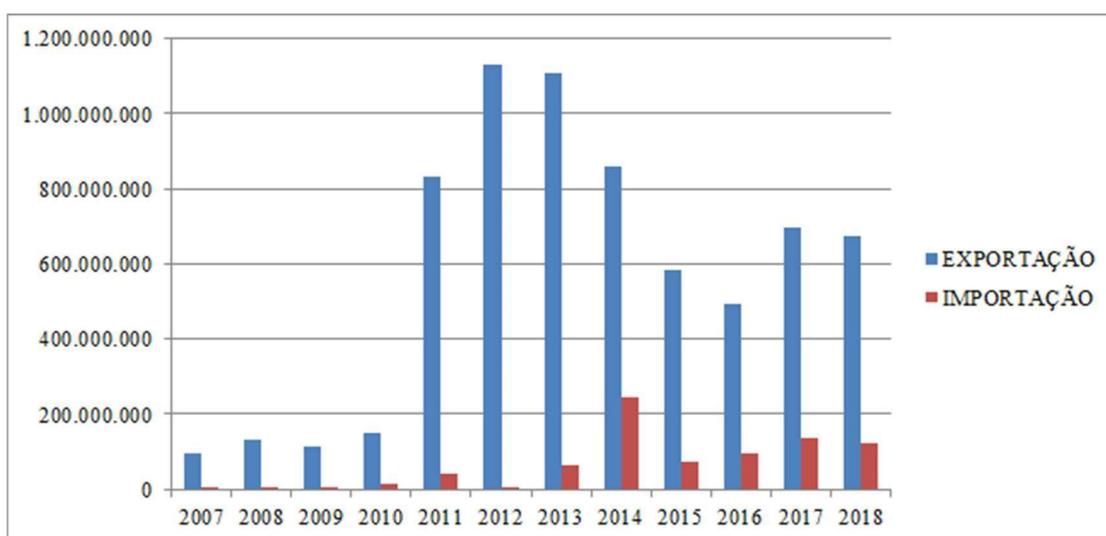


Gráfico 6: Exportações e importações do Brasil na relação comercial com o Omã

Conforme exposto pelo gráfico observa-se que as relações comerciais no período de 2007 a 2010 não representaram números significantes a níveis de comparação com os períodos que viriam em seguida. É interessante notar o crescimento no número de importações e exportações a partir de 2011, onde os valores em exportação quadruplicaram com relação ao período anterior. Houve um declínio em 2014, influenciado pela política interna brasileira e outros fatores econômicos e políticos externos. As relações entre os dois países já alcançaram patamares quase duas vezes maiores em anos passados, mas mostram-se constantes nos últimos dois anos, evidenciando, no entanto, a diminuição dos investimentos para ambas as partes.

Os principais produtos que compõem a pauta exportadora do Sultanato de Omã são óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos, seguido por gás de petróleo e outros hidrocarbonetos gasosos. Também compõe o volume das exportações do Sultanato, minérios de ferro e seus concentrados, álcoois acíclicos e seus derivados e hidrocarbonetos cíclicos, conforme informações fornecidas pela OEC. Nota-se assim, a dependência do país pelos recursos naturais.

A pauta importadora é diversificada em turbos reatores e outras turbinas de gás, aparelhos emissores para radiotelefonia, radiotelegrafia ou televisão, automóveis de passageiros e outros veículos concebidos para o transporte de pessoas, veículos aéreos, óleos de petróleo e minério de ferro, bem como ouro e artefatos de joalheria.

#### **4.5 Relações comerciais entre Brasil e Arábia Saudita**

A Arábia Saudita, oficialmente denominada Reino da Arábia Saudita, limita-se fronteirísticamente com 7 países. Estes são: Jordânia, Iraque, Kuwait, Catar, Emirados Árabes Unidos, Omã e Iêmen. Tendo como capital, Riad, a Arábia Saudita é considerada uma das mais prósperas economias do Oriente Médio, além de ser o berço do Islã e lar dos dois santuários mais sagrados do Islã, situados em Meca e Medina.

A economia interna do país integrante da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) é extremamente dependente das exportações de suas reservas de petróleo, ocupando o posto de maior produtor entre todos os membros, além de produzir gás natural. De acordo com dados disponibilizados pela OEC, no ano de 2017, as exportações de óleos brutos de petróleo ou de minerais betuminosos atingiram USD 110 bilhões, sendo responsáveis por 65% do total dos produtos destinados ao mercado externo.

O governo saudita, no entanto, continua buscando reformas e diversificações econômicas, busca que se atenuou desde a adesão da Arábia Saudita à OMC em 2005. A partir de então, passou-se a investir na implantação de técnicas de irrigação, técnicas que permitem hoje o cultivo de diversas culturas, com destaque para a produção de trigo, tâmara, tomate, melancia, cevada, uva, pepino, abóbora, berinjela, batata, cenoura e cebola.

No que tange aos destinos das exportações sauditas, pode-se destacar a China, Japão, Índia, Coreia do Sul e Estados Unidos. Já as origens das importações seguem a seguinte ordem: China, Estados Unidos, Alemanha, Coreia do Sul e França. Os principais produtos importados são automóveis, veículos aéreos, medicamentos e óleos de petróleo.

Abrangendo dados demográficos, a população da Arábia Saudita no ano de 2018 era estimada em 33,5 milhões de pessoas, incluindo mais de 8 milhões de estrangeiros. O crescimento populacional do país se deu em grandes proporções em um curto período, considerando que em 1950 a densidade era de cerca de 3 milhões de pessoas.

De acordo com a cronologia dos acontecimentos que marcaram as relações entre os dois países propostos, o Brasil e Arábia Saudita estabeleceram relações formalmente no ano de 1968. Em 1973, deu-se a abertura das embaixadas de ambos os países nas capitais correspondentes, Jidá e Brasília. Apenas em 1986, a capital saudita foi transferida para Riad, e conseqüente, também foi a embaixada brasileira.

A partir dos anos 2000 as relações entre os países passaram a se tornar mais frequentes e se fortaleceram. Na década seguinte houve reuniões da comissão mista bilateral e do mecanismo de consultas políticas. Já em 2018 foi criado, no âmbito do Senado Federal, o Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Arábia Saudita, demonstrando estreitamento das relações bilaterais. No mesmo ano, o volume de intercâmbio comercial atingiu US\$ 4,4 bilhões.

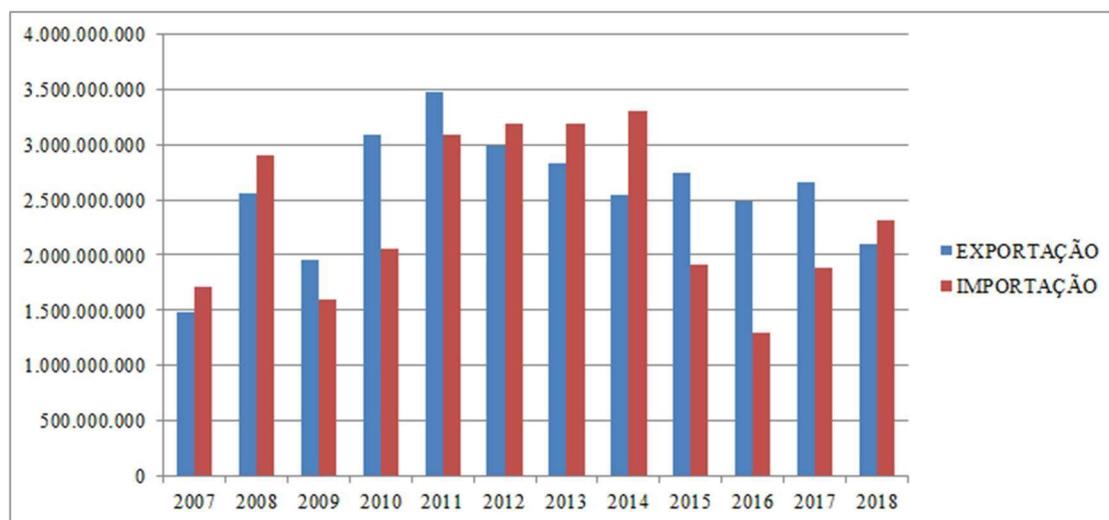


Gráfico 7: Exportações e importações do Brasil na relação comercial com a Arábia Saudita

O gráfico aponta as relações comerciais presentes entre Brasil e Arábia Saudita, a partir do número de importações e exportações entre 2007 e 2018. As relações demonstram-se gradativamente crescentes até o ano de 2011. No ano de 2012, houve um declínio no número de exportações, mas elevou-se o número de importações. As exportações continuaram em decréscimo até o ano de 2014, ao passo que as importações se elevaram. Em 2015 o número de produtos exportados aumentou e o de importados diminuiu nos dois anos seguintes. Já em 2018, o valor em exportações foi maior que o valor em importações.

Os óleos brutos de petróleo ou de minerais brutos betuminosos são o carro chefe das exportações sauditas, seguidos dos mesmos produtos que não sejam na condição de brutos. Compõe também a pauta dos principais produtos exportados, gás de petróleo e outros hidrocarbonetos, polímeros de etileno, álcoois acíclicos e hidrocarbonetos cíclicos.

No que se refere à importação, os principais produtos são automóveis de passageiros e outros veículos concebidos para o transporte de pessoas, veículos aéreos, medicamentos, aparelhos transmissores, óleos de petróleo, cevada e carnes, de acordo com breve abordagem na caracterização do país e dados da OEC.

#### 4.6 Relações comerciais entre Brasil e Catar

O país, que deteve sua história marcada pelo governo da família Al Thani, assim como a presença de laços de protetorado britânico nos últimos anos, apresentou forte desenvolvimento econômico após a reformulação das medidas políticas, econômicas e sobre as mídias, estabelecidas com a entrada do ex-Emir Hamad bin Khalifa Al Thani ao poder em 1995, como observado pela Central Intelligence Agency - CIA (2019).

Assim, localizado na costa leste da Península Arábica, o país é composto por cerca de 2,6 milhões de habitantes distribuídos em uma área total de 11.521 km<sup>2</sup>, possuindo em seu território reservas de petróleo e gás natural, tornando-se líder de exportações de gás natural líquido no mundo, conforme apresentado pelo Government Organization Office (2019).

Outrossim, após a transferência pacífica do poder, entre Hamad bin Khalifa Al Thani ao seu filho, o atual Amir Tamin Bin Hamad, trouxe propostas para o país para dar continuidade ao seu desenvolvimento agradando a sua população, como explica a Central Intelligence Agency - CIA (2019) “tendo priorizado a melhoria do bem-estar interno do Catar, incluindo a criação de sistemas avançados de saúde e de educação e expansão da infraestrutura do país em antecipação a realização da Copa do Mundo de 2022 em Doha”.

O catar possui em seu território reservas de petróleo e gás natural, no qual contribuem diretamente para sua economia. Contudo, apesar dessas reservas proporcionarem seu exercício no mercado pelos próximos anos, o país buscou, segundo a CIA (2019), a diversificação de sua pauta produtiva em setores de manufatura, construção, e serviços financeiros. Outrossim, como os demais países do Médio Oriente, o Catar, busca seu aprimoramento quanto mercado de construções, assim como sua infraestrutura, haja vista a sua incumbência de sediar a próxima Copa do Mundo, em 2022.

Ademais, em 2017 seus principais destinos de exportações eram incorporados ao território asiático, sendo estes a Coreia do Sul, Japão, China, Índia e Cingapura, assim como, realizava suas principais operações de importação de países europeus, como Reino Unido, França e Alemanha, assim como a China e o Omã, como informa o The Observatory of Economics Complexity.

Suas relações diplomáticas com o Brasil, foram iniciadas em 1974, com o estabelecimento de suas respectivas embaixadas. Todavia, foram desenvolvidas também no decorrer dos anos, a intensificação de suas relações bilaterais políticas, em que seus respectivos governantes realizaram visitas. Ademais, houve ainda a interação de suas relações em caráter de intercâmbio comercial, no qual realizaram acordos bilaterais como forma de fomento às atividades de intercâmbio mercantil, como por exemplo, (BRASIL, 2019).

É válido ressaltar ainda, que em sua interação com o Brasil, eram direcionadas pelas exportações brasileiras carnes, minérios, químicos inorgânicos e máquinas mecânicas, assim como em suas importações vindas do Catar, são abordados sobretudo adubos, combustíveis e alumínio.

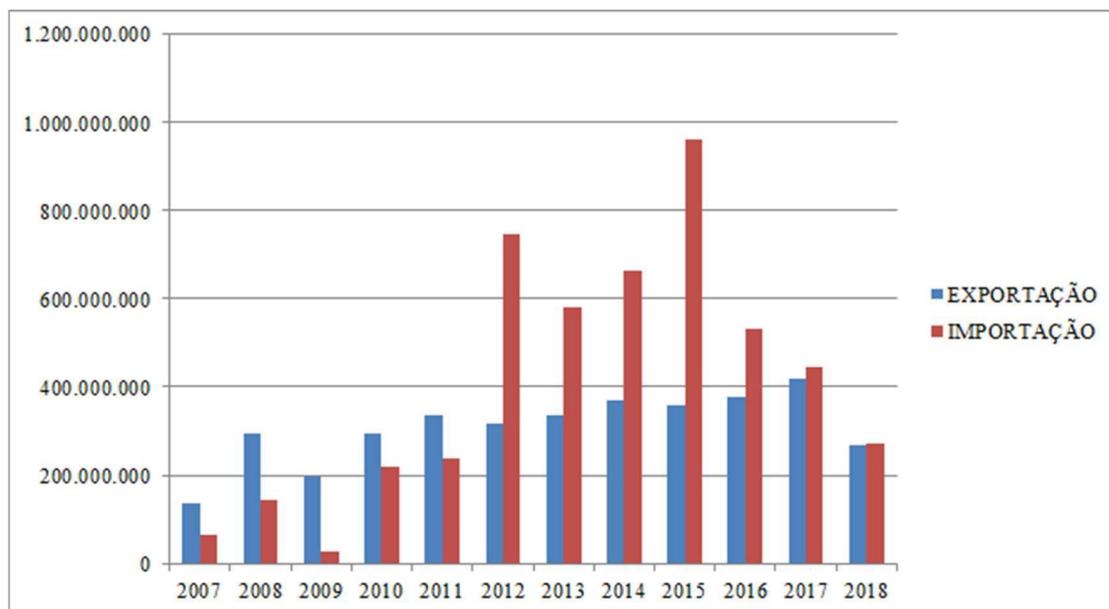


Gráfico 8: Exportações e importações do Brasil na relação comercial com o Catar

Como pode ser verificado no gráfico 6, as operações de movimentação mercantil entre países estão em níveis visivelmente distantes. Ao observar o período entre 2007 e 2018 e suas variações em termos de valores, é importante considerar os setores nos quais os bens ou serviços estão dispostos, como é o caso do Brasil no qual exporta em grande maioria produtos alimentícios, com forte valor agregado, haja vista a preocupação constante do Catar em atender a demanda alimentar de sua população com alimentos no qual não há totalidade de produção.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, o presente trabalho teve como objetivo compreender a dinâmica dos negócios internacionais entre Brasil e Oriente Médio. Para tanto considerase as características da indústria brasileira e das nações delimitadas, onde caracterizam seus negócios internacionais em diversas maneiras, a depender do contexto de uma região.

Nesse sentido, as relações do Brasil com o Oriente Médio, sobretudo com os países abordados pelo estudo, apresentam-se em diferentes parâmetros, além de maneira significativa. Coadunando-se a este pensamento, ao passo que o Brasil exporta bens que no mercado nacional seriam de baixo valor agregado, para esses destinos internacionais, são recebidos com maior valor agregado, pois em sua maioria, não há a capacidade de produção devido à fatores, como por exemplo, a ausência de fatores naturais e mão-deobra qualificada. Em contrapartida, os países árabes comercializam seus produtos, no qual apresentam grande valor agregado, em detrimento as suas explorações, como é visto nos mercados de petróleo e gás natural, assim como no mercado de construções.

No que tange os objetivos específicos do trabalho, foram alcançados conforme analisado durante a pesquisa, identificados através da caracterização da região do Oriente Médio, assim como de seus países escolhidos elaborados de forma individual. Ademais ao realizar a abordagem desses países em comparativo de seus segmentos nas relações entre estes e Brasil, foram assim encontrados seu quantitativo referente as negociações internacionais, delimitadas ainda entre o período de 2007 a 2018. Por fim, complementando a análise dessas relações, o terceiro objetivo apresentado também foi alcançado.

Contudo, apesar do estudo conseguir explicar sucintamente como ocorre a dinâmica entre as nações, foram encontradas limitações quanto ao acesso à dados atualizados, em aspectos de Comércio internacional, assim como socioeconômico. Apesar disso, o estudo propõe a abordagem de novas perspectivas quanto ao Oriente Médio, pois assim, ao ser realizada a sua leitura, a pesquisa pode desencadear novos olhares em diferentes áreas. Dessa forma, os autores sugerem que sejam desenvolvidos estudos que contemplem não somente os segmentos inseridos nas relações comerciais entre o Brasil e o Oriente Médio, mas também as possibilidades no qual os acordos atuais podem gerar a médio e longo prazo.

## 6. REFERÊNCIAS

1. BRASIL. Comex Stat. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/geral>>. Acesso em: 04 de nov. 19.
2. BRASIL, Ministério das Relações Exteriores. Estado do Catar, 2019. Disponível em: <<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/4914-estado-do-catar>>. Acesso em: 07 de nov. 2019.
3. BRASIL, Senado Federal. MSF nº 30 de 2019. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/sdleggetter/documento?mime=application/pdf&dispositivo=inline&dm=7970548>>. Acesso em: 07 de nov. 2019.
4. CHIARINI, Tulio; SILVA, Ana Lúcia Gonçalves da. Comércio exterior brasileiro de acordo com a intensidade tecnológica dos setores industriais: notas sobre as décadas de 1990 e 2000. Revista Nova Economia. v. 26, n. 3, 2016.
5. CIA, Central Intelligence Agency. Qatar. 2019. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/qa.html>>. Acesso em: 07 de nov. 2019.

6. GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.
7. Government Communication Office - State of Qatar. Facts About Qatar. 2019. Disponível em: <<https://www.gco.gov.qa/en/media-centre/information-aboutqatar/>>. Acesso em: 07 de nov. 2019.
8. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Emirados Árabes Unidos. Disponível em: <<https://paises.ibge.gov.br/#/dados/emirados-arabes-unidos>>. Acesso em: 04 de nov. 2019.
9. MACAN, Karina Luiz. A Dinâmica E As Perspectivas Dos Negócios Com O Oriente Médio. Criciúma, 2018. Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/handle/1/6692>>. Acesso em: 01 de nov. 2019.
10. OCE, The Observatory of Economic Complexity. Qatar. Disponível em: <<https://oec.world/en/profile/country/qat>>. Acesso em: 07 de nov. 2019.
11. SILVEIRA, Isadora Loreto da. O Oriente Médio na política externa brasileira desde 2003: relações do Brasil, com o Irã, Egito e Turquia. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciência Econômicas, Porto Alegre, 2016.
12. World Bank. Qatar. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/country/qatar?view=chart>>. Acesso em: 04 de nov. 2019.